

BIBLIOTECA SAMUEL BENCHIMOL
HEMEROTECA

AUTOR: Adauto ROCHA

ARTIGO: Estrutura Geo - Sócio Econômica da Amazônia (I)

JORNAL: Província do Pará

DATA: 11/10/1966

Têrça-feira, 11 de outubro de 1966

ESTRUTURA GÉO-SÓCIO- ECONÔMICA DA AMAZÔNIA

(I)

Adauto ROCHA

O Professor Samuel Benchimol, catedrático de Economia Política da Universidade do Amazonas, e um dos mais brilhantes e autorizados economistas da Amazônia, publicou recentemente, em Manaus, mais uma importante obra, versando sobre a problemática regional dentro do contexto geosocio-econômico.

Trata-se de **ESTRUTURA GEO-SOCIAL E ECONOMICA DA AMAZÔNIA**, em dois volumes, nos quais o Autor apresenta um notável elenco de informações, dados, interpretações, proposições e questões sociológicas, econômicas e culturais, que revelam um admirável estudo analítico.

No primeiro volume, o Professor Samuel Benchimol empreende uma lúcida abordagem dos complexos geográfico, humano sociogênico e cultural que identificam e configuram a Amazônia, com o seu processo histórico-cultural característico.

Partindo do complexo geográfico (regiões, clima, rios e águas, potencial hidráulico, floresta e fauna, terra firme e várzeas, zonas fisiográficas e sua extensão em quilômetros, a análise se estende à identificação da Amazônia Boliviana, Peruana, Equatoriana, Colombiana, Venezuela e, finalmente, à Amazônia propriamente Brasileira.

O dimensionamento e profundidade do processo de conquista e ocupação da Amazônia constitui outro importante conteúdo analítico do livro do economista Samuel Benchimol, que apresenta, nessa parte, significativo conjunto de indicações históricas, socio-econômicas e políticas relacionadas com a presença do homem, suas atividades materiais, comportamento, atitudes, interação e relações ecológicas, na Amazônia, ao longo de suas diferentes fases de sedimentação histórica.

Na análise do complexo cultural da Região são assinalados e destacados as várias correntes

das atividades a liderança empresarial necessária, como produtores, mercadores, exportadores e comerciantes, posição oligopolista que conseguiram manter até o advento de novas correntes culturais mais dinâmicas. Durante a fase da borracha os imigrantes portugueses, também atraídos pela fortuna fácil, foram os pioneiros na organização do sistema mercantilista de intercâmbio representado pelo comércio típico de aviador que dominaram".

Com a presença dos ingleses na Amazônia, no fim do século XIX, profundas transformações se operariam na estrutura econômica e social da Região, "realizando a mais importante tarefa cultural que se traduziu no aparelhamento de sua infra-estrutura econômica. Desempenhando o papel de transmissores da tecnologia ocidental, criada a partir da Revolução Industrial, os investimentos ingleses nas empresas concessionárias de serviços públicos, — escreve o Autor — criaram condições estruturais para todo o processo de desenvolvimento ulterior pela formação das economias externas, nos setores de navegação, portos, energia, telefonia, telegrafia, transportes, distribuição de água, rede de esgoto e outras facilidades construídas nos polos urbanos dominantes de Manaus e Belém".

A Contribuição cultural europeia, como refere o Autor, não se traduziu apenas em termo de promoção material, de tecnologia, de comercialização e de relações de intercâmbio mercantil, tendo, porém, se afirmado, "paralelamente, no campo da ciência através das expedições botânicas, etnográficas, geológicas e geográficas que percorreram a região no século passado".

Foi assim, graças aos subsídios científicos que proporcionaram sobre a natureza e a potencialidade dos recursos naturais — que se lançaram "as bases de uma futura tropicologia amazônica

ciamento de produtos e ^{materiais} primas regionais, e, principalmente, no setor de transformação propriamente dita".

O Professor Samuel Benchimol conclui afirmando que "a contribuição cultural dessa corrente imigratória e de seus descendentes não se esgota, no entanto, na provisão de quadros empresariais no campo mercantil-industrial, que ajudaram a formar, para dar continuidade ao intercâmbio e iniciar o processo de crescimento econômico. Ela se projeta, também, com a participação desse contingente nas profissões liberais, magistério secundário e universitário e no próprio campo político".

O Autor destaca, por outro lado, a participação do grupo imigrante de origem síria e libanesa, no complexo socio-econômico e cultural da Amazônia, e que passou a definir-se com maior extensão e profundidade através da contribuição dos seus descendentes, atuando nos mais diferentes setores de atividades.

Como refere o Professor Samuel Benchimol, deve-se, primordialmente, à presença e atuação dessa corrente imigrante e cultural, sem dúvida, a identificação e caracterização de um sistema típico de relações de trocas mercantis e de comercialização, promovido pelos conhecidos regatões, "em flagrante desafio aos aviadores tradicionais, ao monopólio dos seringais e dos "rios fechados" dos coroneis de barranco; e do comércio urbano, através do teque-teque, como pioneiro do sistema de venda atual de prestação, em desafio ao domínio dos grandes estabelecimentos comerciais".

Assinala o Autor o fato de que "o êxodo das populações rurais para as cidades" teria permitido a emergência e surgimento de oportunidades e revelado "a capacidade empresarial desse grupo, que assim se promoveu, através de seus descendentes já integrados à vida amazônica, no

mem, suas atividades materiais, comportamento, atitudes, interação e relações ecológicas, na Amazônia, ao longo de suas diferentes fases de sedimentação histórica.

Na análise do complexo cultural da Região são assinalados e destacadas as várias correntes imigrantistas e culturais que contribuíram para a caracterização da estrutura social e econômica típica da comunidade amazônica, em que se amalgamam, se interassimilam e se integram contingentes culturais "de origem indígena-cabocla, portuguesa/hispânica e européia predominantemente inglesa, norte-americana, semítica, asiática e "cearense" — nordestina".

O estudo analítico da contribuição cultural de cada um desses contingentes, partindo da identificação básica do complexo indígena-caboclo, constitui um notável esforço interpretativo dos condicionamentos sociológicos e ecológicos caracterizantes do complexo geo-socio-econômico da Amazônia.

Como se sabe, essa estrutura passaria a receber, posteriormente, significativos impactos endógenos e exógenos, definidos em valores, contingentes culturais, sistemas e técnicas de atividades econômicas, que, pelo processo de assimilação, acomodação, ação e reação interativa, se integram, aculturados, ao próprio complexo cultural regional.

Esses valores e contingentes culturais, transplantados e difundidos pelo português e pelo espanhol através do "processo de conquista e ocupação da Amazônia", ao se aculturarem, passariam a caracterizar o "facies" e a estrutura social, econômica e cultural da comunidade amazônica.

É que o processo de condicionamento ecológico, através desse complexo, predeterminaria assim o tipo de sociedade e de atividades econômicas que se foram definindo na Amazônia, ao longo dos seus diferentes ciclos ou etapas de sedimentação histórico-cultural.

No curso desse processo, novas e importantes contribuições, como nos mostra o Autor, se foram incorporando ao complexo geo-social, econômico e cultural da Amazônia, surgindo e se elaborando novas categorias de valores, sistemas, exigências e necessidades geradas pela atuação imigrantista portuguesa e de seus descendentes, através de várias formas e setores de atividades econômicas.

O Professor Samuel Benchimol bem define esse fenômeno nesta síntese:

"As famílias dos colonos portugueses tiveram importante função no estabelecimento dos quadros organizacionais da atividade econômica, social e política tanto nas cidades como no interior. Iniciando-se, na fase colonial, como classe política dominante, com o aparecimento das atividades econômicas florestais e agrícolas, tornaram-se fatores predominantes, suprimindo a es-

etnográficas, geológicas e geográficas que percorreram a região no século passado".

Foi assim graças aos subsídios científicos que proporcionaram sobre a natureza e a potencialidade dos recursos naturais — que se lançaram "as bases de uma futura tropicologia amazônica que deverá definir, através da pesquisa e da experimentação, a tecnologia necessária para armar o homem com os instrumentos, o conhecimento e os recursos para promover o seu desenvolvimento".

Como significativa contribuição cultural, a participação norte-americana se revelou, "em substituição ao poder e influência dominantes dos países europeus", através de assinaláveis e diferentes formas de atuação, destacando-se, por exemplo, construção da Est. da de Ferro Madeira-Mamoré; participação ativa do seu grande mercado consumidor na importação dos produtos silvestres, gomas, resinas, castanhas, essenciais, madeiras e minérios; experiência agrícola pioneira no campo da heveicultura amazônica, realizada pela Companhia Ford Industrial do Brasil, em Fordilândia e Belterra, no Tapajós; obras de saneamento básico por intermédio da Fundação Rockefeller e do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP); esforço e mobilização de guerra para reativação da economia extrativa da borracha silvestre, através dos Acórdos de Washington, de 1942; institucionalização do monopólio de compra e venda final da hevea; a criação do Banco de Crédito da Borracha e a retomada da imigração nordestina; participação no complexo minerador de manganês do Amapá, em associação com capitais brasileiros na ICOMI; desafio tecnológico ao monopólio das especiarias florestais pela síntese química de fibras, óleos, gomas e essenciais; contribuição científica para a fixação de uma tecnologia tropical, partindo do grande potencial de seus grandes institutos de pesquisas e experimentação".

No que tange à corrente cultural de caráter semítico, o Professor Samuel Benchimol assinala a sua importante contribuição identificada "através dos descendentes brasileiros da primeira e segunda geração", que passaram a constituir e representar uma dinâmica e ativa classe empresarial, quando as, "grandes firmas inglesas, alemãs e portuguesas desapareceram ou deixaram de operar no mercado de exportação regional, abrindo assim caminho para a sua ascensão econômica e social dominante".

Não ficaria a sua atuação limitada apenas ao intercâmbio e trocas mercantis, pois no ciclo e fase da "reativação da economia amazônica" — acentua o Autor — durante a II Grande Guerra, e depois dela, esses empresários novamente seriam estimulados e atraídos para o campo industrial, através de indústrias de benefi-

"o êxodo das populações rurais para as cidades" teria permitido a emergência e surgimento de oportunidades e revelado "a capacidade empresarial desse grupo, que assim se promoveu, através de seus descendentes já integrados à vida amazônica, no comércio, na indústria, na política e no exercício das funções liberais".

A contribuição asiática é representada pela imigração e colonização japonesas, que tiveram início com o sucesso de aclimação da juta e da pimenta-do-reino, e posteriormente com o incremento e expansão de sua cultura e cultivo, no decurso de poucos anos, em diferentes áreas da Região, condicionando assim a emergência locacional, espacial, de pontos ou pólos de crescimento e desenvolvimento de que nos falam François Perroux e, posteriormente, J. B. Boudville, em suas análises dos parâmetros do processo de desenvolvimento econômico nas regiões subdesenvolvidas, ou de economia desarticulada como a Amazônia.

A contribuição do contingente nipônico, quer através da corrente imigrantista, quer através da integração dos seus descendentes no complexo socio-cultural amazônico, não se traduziria tão-sómente na criação da "primeira grande lavoura comercial na região", representada pela juta e, ulteriormente, pela pimenta-do-reino, cujo processo de aclimação e de cultura racional, em terras amazônicas, também se deveria à sua pertinácia.

Como ressalta o Professor Samuel Benchimol, destaca-se "a sua contribuição "no campo da produção hortigranjeira em redor dos grandes centros urbanos de Belém e Manaus, melhorando sensivelmente o abastecimento de frutas, de legumes, hortaliças e outros produtos alimentares", inclusive nas áreas hinterlandianas do Pará e Amazonas, onde inúmeras colônias, agrícolas, "englobando mais de mil famílias de colonos nipônicos, têm assim prestado uma importante contribuição tanto na aclimação de novas espécies e melhoria da dieta alimentar, como na difusão de técnicas agrícolas adequadas".

Evidenciando, por outro lado, "a sua perfeita adaptabilidade à terra e à gente amazônicas", às quais "estão sendo incorporados pelo processo de assimilação e intercâmbio cultural" — conclui o Autor — os colonos japoneses e seus descendentes nissei-amazônicos, após o seu grande sucesso econômico, iniciaram, agora, a sua gradual e firme ascensão na escala social da vida amazônica.

Assim é que a nova geração nissei-amazônica tem revelado grande esforço procurando "afirmar o seu "status" pelo ingresso nas escolas superiores e no serviço público, que os conduzirão, mais tarde, à escala política, à semelhança dos outros grupos culturais".